

Luta da favela do Metrô: experiência de um processo em curso na cidade

Suellen Guariento¹



¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com bolsa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: suguariento@gmail.com



Fig 1. Participação de moradores da favela do Metrô no Grito dos Excluídos



Fig 2. Participação de moradores da favela do Metrô no Grito dos Excluídos



Fig 3. Visita da plataforma DHESCA/ONU à favela do Metrô



Fig 4. Visita da plataforma DHESCA/ONU à favela do Metrô



Fig 5. Visita da plataforma DHESCA/ONU à favela do Metrô



Fig 6. Moradora da favela do Metrô caminhando pelos escombros



Fig 7. Região no interior da favela do Metrô



Fig 8. Favela do Metrô e Favela da Mangueira ao fundo



Fig 9. Placa de obra conjunto habitacional Mangueira I



Fig 10. Conjunto habitacional Mangueira I em construção



Fig 11. Prédio construído do Conjunto habitacional Mangueira I



Fig 12. Prédios do Conjunto habitacional Mangueira I e favela da mangueira ao fundo

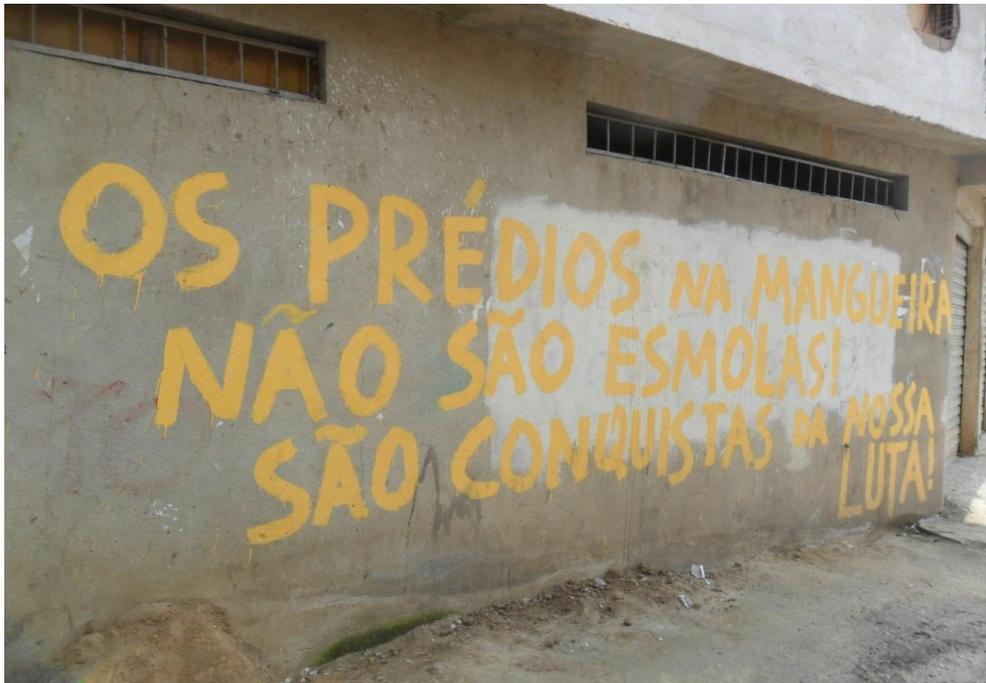


Fig 13. Frase pintada em muro da favela do Metrô

Eles falam... quando eles chegam eles falam mesmo: Olha, se vocês não aceitarem ir pro Mangueira II por exemplo agora, vai vim um trator e passar por cima!

(...)

Pra Cosmos? Vocês tinham que ver a pressão que eles fizeram! Era gente passando mal.. que quem não aceitasse ir pra Cosmos ia perder sua moradia, ia ter um trator que viria passar por cima e o pessoal ia pro abrigo. A opção era Cosmos, abrigo ou rua!

(Presidente da Associação de Moradores Oito de Dezembro -Comunidade do Metrô, em visita da relatoria da plataforma Dhesca/ONU em 2011)

Tarde de quinta feira saio da universidade após reunião do grupo de pesquisa. Pego o trem em direção à zona oeste onde moro. Já era noite quando recebo no celular a seguinte mensagem de uma amiga: "Está tudo bem com você na Uerj? Que absurdo! Se cuida". Não entendi e perguntei o que estava acontecendo. Àquelas alturas minha amiga já estava atenta às redes sociais e aos veículos de comunicação que noticiavam o "tumulto" na uerj após manifestação de estudantes e moradores da Favela do Metrô, localizada bem próximo à universidade, zona norte da cidade². Chegando em casa acompanho os últimos acontecimentos pelas redes sociais e sites de notícias. Imediatamente retomo a memória do meu primeiro contato com a mobilização dos moradores da favela do Metrô, ainda em 2010 quando por uma opção ainda pouco fundamentada produzi algumas imagens deste processo. A fotografia naquele momento estava sendo “produzida para descobrir” (Guran, 2000)³.

Na época, ainda sem objeto de pesquisa para o mestrado, mas muito mobilizada pelo contexto de transformação da cidade por conta dos megaeventos, eu acompanhava e apoiava um movimento chamado "Conselho Popular". O movimento reunia moradores de diferentes favelas e militantes das lutas urbanas. Em 2010 o Conselho Popular ainda atuava com relativa vitalidade

² Refiro-me à manifestação realizada no dia 28 de maio de 2015 que envolveu alunos e moradores da favela do Metrô. Alguns sites noticiaram o episódio: "Remoção em favela do Rio termina em tumulto na Uerj"; "Uerj tem instalações depredadas após protestos contra demolição da favela do Metrô"; "Alunos da Uerj se unem a moradores da favela do Metrô contra remoção".

³ Para o autor a fotografia “produzida para descobrir” é um momento da observação participante quando o pesquisador se familiariza com o objeto, vivencia o cotidiano de um espaço/ comunidade, elabora as primeiras questões de pesquisa, começa a “perceber alguma coisa” sem ter tanta clareza do que exatamente se trata. É o momento da formulação de perguntas e não das respostas.

organizando manifestações contra as remoções. Foi através da rede mobilizada pelo Conselho que numa manhã de 2010 fui convocada para um ato contra a remoção da favela do Metrô.

Integrantes do então Núcleo de terras e Habitação da Defensoria Pública, Pastoral de Favelas, da organização Rede de Comunidades e Movimentos Contra Violência, estudantes da Uerj foram convocados pela Comissão de moradores da favela como apoio para impedir a chegada dos tratores. Naquele dia a mobilização não chegou a desencadear conflitos violentos, pois a prefeitura teria decidido que não faria a remoção naquele momento. Desde então passei a acompanhar as mobilizações dos moradores do Metrô. A associação de moradores na ocasião não tinha uma atuação ativa contra as remoções. Predominantemente as moradoras, mulheres, organizaram uma "comissão de moradores" para se mobilizarem contra as ações do Estado.

A comissão logo conseguiu assumir a associação de moradores tendo como presidente uma das moradoras mais ativas, e juntamente com os apoiadores de fora da favela formou-se um comitê de apoio à comunidade do Metrô. Meu olhar sobre as mobilizações foi sendo construído a partir da observação participante e pelas relações de confiança que fui estabelecendo com os moradores, já que no trabalho de campo, andar por um espaço delimitado “permite que o etnógrafo se situe, isto é, adquira naquele contexto, um lugar e uma identidade. Trata-se de um percurso marcado pela interação.” (Silva, 2009, p.178).

A interação que foi sendo estabelecida com os moradores permitiu o uso de câmera - não profissional – sem constrangimentos aparentes, já que o registro da visibilidade da luta também estava sendo vista pelos moradores, naquele contexto, como uma estratégia da própria luta. A escolha do enquadramento no espaço e de um instante de tempo (Horvat, 1990 apud Guran, 2000, p.6), característica do ato de fotografar, estava sendo feita a partir das interações que eu ia estabelecendo com os atores. A minha câmera “caseira” não era a única que circulava pelos espaços das mobilizações e, aparentemente, parecia “inofensiva” diante do contexto onde a representação coletiva tendia para uma ideia de “quanto mais registro fotográfico, melhor”.

Em 2010 iniciou-se um processo gradual, lento, sofrido de remoções que expressava os diferentes dispositivos estatais de controle sobre a favela. As moradias mais precárias foram as primeiras a serem removidas, localizadas abaixo de um viaduto, parte de seus moradores foram deslocados para conjuntos habitacionais no bairro de Cosmos na zona oeste da cidade. Os técnicos da prefeitura apareciam na favela em diferentes horários do dia, marcavam as casas sem aviso prévio e utilizavam argumentos técnicos ilegíveis, nos termos apontados por Ferguson (2006), já que ecoavam diferentes discursos de legitimação das remoções que transitavam entre a

noção de "área de risco" e o projeto de construção de um grande estacionamento do estádio do Maracanã. O discurso oficial que apontava tais intervenções públicas como "solução" deixava evidente a reatualização das remoções como o legado dos megaeventos (Magalhães, 2013).

Alguns moradores aceitaram propostas feitas pela prefeitura, enquanto outros se organizavam na comissão de moradores. As mediações com agentes do Estado, por vezes obscuras, contribuíram para a demolição gradativa das casas fazendo com que os moradores que lá permaneciam convivessem com escombros e entulhos. Naquele ano a luta foi ganhando cada vez mais visibilidade e parte significativa dos moradores ocupou as ruas da cidade juntamente com outros movimentos sociais no tradicional "Grito dos Excluídos"⁴.

A luta da favela do Metrô ganhou visibilidade nos espaços onde circulavam redes de movimentos na cidade e também em meios midiáticos. Em 2011, responsáveis pela Relatoria do Direito à Cidade da Plataforma Dhesca, (Direitos Humanos Econômicos Sociais e Ambientais) vinculada à ONU fizeram uma visita oficial à favela. O objetivo do grupo era elaborar um relatório dos impactos das obras da Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016. Alguns jornalistas de grande mídia e mídia ativista também estiveram presentes durante a visita. Na sede da associação de moradores, um grupo de cerca de vinte e poucas pessoas se concentrou para organizar o trajeto entre escombros, casas e comércios.

Desde 2010 a reação dos moradores ecoava na cidade, redes de movimentos e em outros países, fortalecida pela visita da equipe da ONU e mobilizações de apoio por parte de diferentes grupos e coletivos. Entre tantos agentes, idas e vindas, a favela Metrô permanece como um símbolo de um processo social em curso na cidade: a utilização de diferentes tecnologias governamentais que reforçam a lógica da cidade-mercadoria em detrimento do reconhecimento de cidadania de seus moradores. A perspectiva de um Estado democrático de Direito não tem se colocado no horizonte de grupos cuja legitimidade vem sendo destituída do campo político instituído (Feltran, 2011). As remoções no contexto dos megaeventos são uma das expressões deste processo.

Dois anos depois das primeiras mobilizações foram construídos os conjuntos habitacionais "Mangueira I e Mangueira II" para reassentarem parte das famílias removidas. Márcia, uma das mulheres ativas na comissão de moradores, acompanhava o dia a dia das obras com atenção, já que o atraso e as diferentes informações sobre quem teria acesso aos imóveis desencadearam divergências, que circulavam num contexto obscuro de possíveis influências de poderes locais

⁴Ato nacional organizado anualmente por diversos movimentos sociais no dia 7 de Setembro.

sobre quem receberia os imóveis. As tensões e conflitos relacionados ao reassentamento no conjunto habitacional reforçaram a diferença entre os diversos grupos que transitavam o espaço da favela. Moradores antigos, comerciantes, moradores da comissão de moradores e novos moradores passaram a ocupar os espaços que ainda restaram em meio aos escombros, além de transeuntes que circulam entre o comércio "legal" e o mercado de drogas na região. Entretanto, para além das diferenciações entre os grupos, o reassentamento foi percebido pelos moradores como resultado de suas lutas e não como benesse do Estado.

As fotos apresentadas neste texto foram tiradas em diferentes momentos deste processo que, em minha perspectiva, recrudescer a cada ano. Utilizei uma câmera simples de uso doméstico. Considero que as fotografias expressam uma dimensão possível de *olhar* para esse processo. No meu caso, elas são produto de minha própria experiência enquanto pesquisadora, ativista e moradora de um bairro popular na zona oeste de onde saí para vivenciar e, também, objetivar experiências com diferentes grupos e territórios. A dimensão da reflexividade (Pink, 2013) presente na produção de imagens traz, obviamente, questões que dizem respeito à elaboração de discursos e representações que se constroem a partir da centralidade da subjetividade do pesquisador⁵.

O uso da câmera no contexto de meus trajetos pela favela do Metrô tem base na dimensão da experiência, pois a câmera foi usada para produzir fotos que buscavam traduzir visualmente minhas interpretações sobre o processo de remoções daquela favela no contexto dos megaeventos. As imagens são, portanto, produto de um reconhecimento das interferências subjetivas presentes em contextos onde também faço parte da cena. Nesta perspectiva, me parece fundamental compreender que “o significado da cena exige não apenas um reconhecimento do caráter subjetivo da observação, mas, sobretudo a capacidade de ter uma noção objetiva de sua própria presença” (Silva, 2009, p. 180).

Naquele contexto, fotografar para mim era uma tentativa de traduzir categorias como mobilizações/luta/remoções/favela através de imagens que pudessem convocar a colaboração do espectador desconhecido, numa clara extensão entre sujeito-objeto. As fotos buscavam produzir um discurso que ressaltasse a dimensão da luta e, que contribuísse para representações positivas

⁵ Pink (2013) ao ressaltar a centralidade da subjetividade do observador na produção e representação do conhecimento etnográfico propõe uma “abordagem reflexiva”, ou seja, uma abordagem que não se reduz a preocupação do pesquisador com questões de parcialidade ou influências, mas que compreenda a subjetividade como um aspecto central das interpretações sobre o campo. A experiência dos indivíduos é, portanto, produzida através da intersubjetividade entre pesquisadores e seus grupos/contextos de pesquisa.

sobre aquele processo, em detrimento de discursos dominantes que tendem a criminalizar mobilizações vindas das favelas.

Com o passar dos anos, as resistências, reações e contradições do espaço da favela do Metrô vêm demonstrando o processo perverso pelo qual as práticas do Estado vêm sendo experimentadas e vivenciadas pelos moradores de diferentes regiões periféricas da cidade. O caso da favela Metrô também é simbólico de uma trajetória de lutas que é, por vezes, pouco visível ao discurso oficial e midiático, mas também é visibilizada a partir de representações dominantes. No caso analisado, me parece que as mobilizações produziram imagens disruptivas a partir da reflexividade entre os atores presentes, isto é, a interação entre apoiadores e moradores produziu imagens que qualificavam positivamente formas de ao contexto dos megaeventos na cidade.

Ao longo desses anos, por diversas questões, me ausentei das mobilizações na favela do Metrô, mas permanecem os escombros e as formas diversas de mobilizações e resistências. Naquela quinta feira, após a ligação de minha amiga, mencionada no início do texto, acompanhei pela grande mídia os discursos que reforçavam a criminalização das mobilizações vindas das favelas e a legitimidade do uso da força pelo Estado na contenção de conflitos sociais. A violência do Estado naquela noite trouxe lembranças, imaginários e percepções sobre as favelas que ressaltavam o lugar subalterno que seus moradores ainda têm no espaço público da cidade.

Para citar este ensaio:

GUARIENTO, Suellen. “Luta da favela do Metrô: experiência de um processo em curso na cidade”. In: Revista Intratextos, 2015, vol 6, no1, p. 109-124. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2015.17894>

Referências Bibliográficas

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. Editora da UNESP/CEM, 2011.

FERGUSON, J. **The Anti-Politics Machine**. In: SHARMA, A. & GUPTA, A. *The Anthropology of the state. A Reader*. Blackwell Publishing, 2006.

GURAN, M. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Disponível em <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1513537/mod_folder/content/0/fotografar-para-descobririii.doc?forcedownload=1>. Acesso em outubro de 2015.

MAGALHÃES, 2013. **O legado dos megaeventos esportivos: A reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: ano 19, n. 40, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200004> Acesso em julho de 2015.

SILVA, H. **A Situação Etnográfica: andar e ver**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 15, nº 32, p. 171-188, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200008> Acesso em outubro de 2015

PINK, S. **Doing visual ethnography**. Sage: 2013.

TELLES, V. S. **As cidades nas fronteiras do legal e do ilegal**. Belo Horizonte: Argymentvm, 2010.

Sites

Remoção em favela do Rio termina em tumulto na Uerj. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/05/remocao-em-favela-do-rio-termina-em-tumulto-na-uerj.html>> Acesso em Julho de 2015.

Uerj tem instalações depredadas após protestos contra demolição da favela do Metrô. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/uerj-tem-instalacoes-depredadas-apos-protesto-contrademolicoes-na-favela-do-metro-16286785>> Acesso em Julho de 2015.

Alunos da Uerj se unem a moradores da favela do Metrô contra remoção. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/uerj-tem-instalacoes-depredadas-apos-protesto-contrademolicoes-na-favela-do-metro-16286785>> Acesso em Julho de 2015.